



# ETEMENANKI: A ZIGURATE DA BABILÓNIA CONTRIBUTO PARA A SUA REAVALIAÇÃO ARQUITECTÓNICA

JUAN-LUIS MONTERO FENOLLÓS

*Universidade da Corunha*

fenollos@udc.es

## Resumo

O estado precário de conservação da torre de Babel (a zigurate da Babilónia) alimentou, desde a sua descoberta pela arqueologia alemã, em 1913, um debate entre os especialistas. A discussão científica concentrou-se sobre três aspectos formais do monumento mesopotâmico: a altura total do edifício, o sistema de acesso e a forma do templo do topo. Com a finalidade de responder a estas questões, propomos neste artigo uma nova hipótese de reconstituição da zigurate da Babilónia.

**Palavras-chave:** Zigurate; Babilónia; Babel; Nabucodonosor II; Tabuinha do Esagil; Estela de Oslo.

## Resumé

L'état de conservation aussi précaire de la tour de Babel (la ziggurat de Babylone) a nourri, à partir de sa découverte par l'archéologie allemande en 1913, un débat entre les spécialistes. La discussion scientifique s'est concentrée sur trois aspects formels du monument mésopotamien: la hauteur totale du bâtiment, le système d'accès à celui-ci et la forme du temple du sommet. À fin de répondre à ces questions, nous proposons dans cet article une nouvelle hypothèse de restitution de la ziggurat de Babylone.

**Mots-clés:** Ziggurat; Babylone; Babel; Nabucodonosor II; Tablette de l'Esagil; Stèle d'Oslo.

Torre de Babel, torre da Babilónia, zigurate de Babilónia, Etemenanki ou «Casa que é o fundamento do céu e da terra» são diferentes denominações usadas para se fazer referência à mesma realidade arquitectónica, a qual, graças à sua presença na Bíblia, se tornou o monumento mais universalmente conhecido da história. Quem não ouviu já falar da torre de Babel? Desde a Idade Média, o Homem tentou reproduzir, com uma grande dose de invenção, a imagem deste edifício<sup>(1)</sup>. O resultado dessas tentativas de representação correspondeu sempre a torres colossais que faziam jus ao mito bíblico: «Agora, vamos construir uma cidade com uma grande torre, que chegue até ao céu...» (Gn 11,4). Mas, por trás do mito, existiu uma realidade histórica, hoje transformada numa realidade arqueológica.

A torre de Babilónia é, actualmente, um monumento em ruínas, destruído e saqueado (fig. 1). Dele não resta mais do que uma impressão, em negativo, no solo. Este estado de conservação tão precário alimentou, desde a sua descoberta por arqueólogos alemães em 1913, o debate entre os especialistas da Mesopotâmia. Essa discussão científica concentrou-se sobre três aspectos formais do monumento: a altura total do edifício, o seu sistema de acesso e a forma do templo no seu topo.

## 1. A altura

A primeira tentativa séria de reconstituição da zigurate da Babilónia foi a do arquitecto inglês William Lethaby que propôs, em 1892, o esquema de uma torre de sete andares, em que os dois primeiros seriam mais altos do que os restantes. A zigurate teria, assim, a mesma altura que os lados da base. Segundo esta hipótese, há um aspecto que nos parece muito interessante: o primeiro e o segundo andares teriam as paredes oblíquas. Dada a sua grande altura, a proposta de paredes com as faces inclinadas seria estruturalmente mais segura. Por outro lado, os andares superiores (de menor altura) teriam as paredes verticais. Torna-se evidente que Lethaby, como arquitecto, estaria preocupado com um aspecto chave do monumento: a sua estabilidade.

A partir de que fontes documentais construiu Lethaby a sua hipótese? O arquitecto utilizou as medidas da zigurate da Babilónia contidas num texto cuneiforme, publicado por George Smith em 1876. Segundo estes dados numéricos, a zigurate teria 300 pés ou 90 metros,